

**MEDICINA.** Urologista tem árdua rotina de trabalho e avisa aos futuros médicos: 'É preciso ter vocação'

# Rogério concilia serviço público com plantões

Médico trabalha ainda na Ufal e atende em sua clínica particular

DA REDAÇÃO

O médico-urologista Rogério César Bernardo ingressou na faculdade aos 16 anos. Com 22, já estava formado. Isso aconteceu em 1996. Anel de "doutor" no dedo, partiu para a residência médica, depois dos seis anos de universidade. Fez residência em cirurgia-geral e em urologia na cidade de Campinas, em São Paulo. Ao todo, foram dez anos dedicados aos estudos para só então exercer a profissão que abraçou.

Hoje, funcionário público do município de Maceió, professor da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e com consultório no bairro da Jatiúca, ele tem uma rotina diária para lá de pesada e diz que é preciso muito mais do que imaginar que através da profissão o médico ficará rico e "viverá feliz para sempre". "É preciso antes de tudo vocação", afirma.

"Vale a pena [ser médico] seguir a profissão e po-

der cuidar dos outros. Se você tiver vocação, vale a pena. Não vai se arrepender de forma alguma. Agora, se você perguntar do ponto de vista financeiro, afirmo que o médico honesto não vai ficar rico; tem uma vida de conforto porque, a partir do momento que você consegue pagar a escola dos seus filhos, saúde suplementar e possui uma moradia, pode dizer que tem uma vida confortável. Agora, rico, milionário, você não vai ficar. Infelizmente, essa é a ideia que ainda se tem", ele diz.

E aconselha: "Se você vai fazer medicina pensando em status, não faça, porque vai ser frustrado", ressalta ao dizer que a vida confortável a qual se refere "depende de muito trabalho, esforço, estudo permanente, contínuo. São seis anos de medicina, mais quatro de residência. Dez anos para poder entrar no mercado de trabalho. Tem especialidades que são mais de dez anos. Depois disso, é preciso manter uma vida de estudos. Todo dia tem informação nova que chega para você".

Pai de quatro filhos, médico do município e pro-

fessor da Ufal, ele conta que também dá plantões nos finais de semana. "Hoje eu consigo dormir em casa. Só nos finais de semana, quando estou plantão, não consigo, o que para mim é fantástico porque a maioria não consegue dormir em casa, o anestesista, o intensivista, por exemplo. Então, para você conseguir algo, tenha certeza que vai ter de abdicar de alguma coisa. Dia dos Pais, Natal, Ano-Novo, se tiver de plantão, a família vai ficar sem minha presença. Quer ganhar dinheiro? Consegue. Se ocupar o tempo integral", ele conta, ao dizer que "não falta mercado de trabalho para médico. Agora, você tem que saber pesar: se vai perder o convívio com sua família ou se quer ganhar mais dinheiro".

## FRUSTRAÇÃO

Não é só a rotina de correria e plantões a tirar o sono dos médicos. Hoje, segundo relata Rogério Bernardo, o maior problema enfrentado por quem trabalha no serviço público nas diversas esferas é a falta de condições para exercer não apenas a medicina, mas as demais áreas de saúde. Como funci-



O médico-urologista Rogério César Bernardo ingressou na faculdade aos 16 anos, com 22, já estava formado

onário do município [PAM Salgadinho], afirma que recebe R\$ 4.500, valor, segundo ele, bem distante do que a prefeitura disse que paga aos médicos - R\$ 20 mil.

Mas ressalta que esse não é o problema, "porque quando o profissional se submete ao concurso sabe quanto vai receber. A gente não é enganado, não. Tenho clareza de que o reconhecimento da profissão passa também pela questão financeira, embora não seja esse para mim o ponto crucial".

"No serviço público", diz o médico, o que pesa é a falta de condições de trabalho. "Acho que isso aí é o pior de tudo. Pior do que o salário baixo é a condição de trabalho", afirma e relata a situação de quem trabalha na saúde no município de Maceió. "Quando você vê o paciente na sua frente, com uma doença que você sabe que tem como resolver e não consegue por problemas admi-

## Frase

ROGÉRIO CÉSAR  
MÉDICO-UROLOGISTA

**"Se você vai fazer medicina pensando em status, não faça, porque vai ser frustrado. No serviço público, o que pesa é a falta de condições de trabalho"**

nistrativos e de gestão, isso é pior do que o salário. Quem trabalha no serviço público vivencia isso todo dia. Só a família sabe como é que a gente chega em casa. Não tem valor que pague isso, não", diz.

E toca no ponto considerado por ele a base da medicina: a vida. "A gente lida com vidas. Evidentemente que mau profissional tem em toda profissão. No entanto, médico nenhum que fez a profissão por vocação se sente

confortado quando perde alguém ou deixa de tratar. Quando um paciente sai do meu consultório no serviço público precisando de tratamento e eu não consigo por questões alheias à minha profissão, isso causa frustração. Agora imagine isso todos os dias, toda semana", questiona.

## PIOR MOMENTO

No município há 11 anos, aprovado que foi em concurso em 2004, Rogério César Bernardo afirma que nunca vivenciou momento pior [na saúde pública do município].

"Se alguém está no município há mais tempo pode ter vivenciado. Eu, não!", afirma e questiona: "O que é que eu acho da gestão pública? Quando você tem problema com a administração, e eu vou falar de ideais, não de pessoas, em um cenário nacional ruim, é uma coisa; quando tem um problema num cenário de recessão, aí vira o caos".